Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

ZECA VACCARIANO
Ascensão mediante banditismo social no Sul Brasil da Primeira República

ZECA VACCARIANO
Rise through social banditry in the South of Brazil during the First Republic

HUMBERTO JOSÉ DA ROCHA[1]

ERNOI LUIZ MATIELO[2]

RESUMO

Este artigo aborda a trajetória de José Antonio de Oliveira, conhecido como Zeca Vaccariano, executor do assalto ao grupo de pagadores da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, ocorrido em 24 de outubro de 1909, no interior do estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. Teoricamente, o trabalho se orienta pela perspectiva do banditismo social, tendo como pano de fundo um contexto histórico da República Velha em que um processo de modernização se articula na região sob a égide do mandonismo. Isso é desenvolvido metodologicamente apoiado em pesquisa bibliográfica e documental. Como objetivo central, o texto discute como o banditismo social representa elemento inerente à dinâmica social daquele espaço-tempo propiciando ao protagonista uma ascensão de assaltante a delegado de polícia.

Palavras-Chave: Banditismo Social. Zeca Vaccariano. Mandonismo. Ferrovia. Fronteira Sul-Brasileira.

ABSTRACT

This article addresses the trajectory of José Antonio de Oliveira, known as Zeca Vaccariano, who carried out the assault on the group of payers on the São Paulo-Rio Grande Railroad, which took place on October 24, 1909, in the interior of the state of Santa Catarina, in southern Brazil. Theoretically, the work is guided by the perspective of social banditry, against the background of the historical context of the old republic in which a modernization process is articulated in the region under the aegis of mandonism. This is developed methodologically supported by bibliographical and documental research. As a central objective, the text discusses how social banditry represents an element inherent to the social dynamics of that space-time, providing the protagonist with

[1] Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGH/UFFS). *E-mail* do autor: humberto.rocha@uffs.edu.br

[2] Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (PPGH/UFFS). *E-mail* do autor: ernoy4@hotmail.com

an ascent from robber to police chief.

Keywords: Social Banditry. Zeca Vaccariano. Bossiness. Railroad. South-Brazilian border.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a trajetória de José Antonio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, executor do assalto ao grupo de pagadores da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande – (EFSPRG), ocorrido em 24 de outubro de 1909, no interior do estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. O caso conferiu notoriedade ao protagonista que ficou conhecido como o primeiro assaltante a trem pagador a ser registrado na historiografia sul-brasileira.

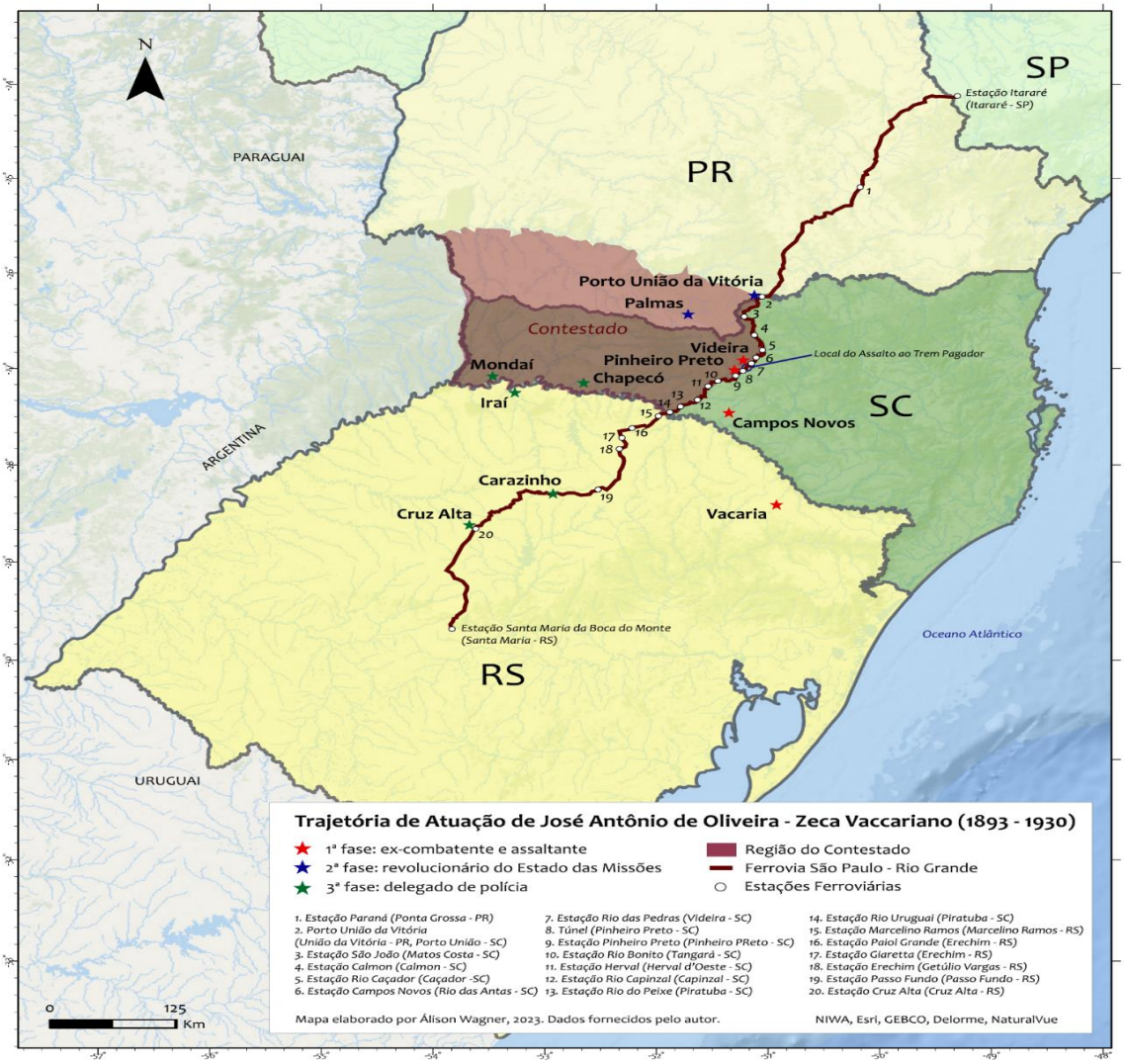
A "região do contestado", assim conhecida em função das disputas territoriais entre Brasil e Argentina, entre os Estados do Paraná e Santa Catarina e palco da Guerra do Contestado (1912-1914) corresponde a um espaço no qual acontece o caso em estudo que se caracteriza geograficamente como uma região de Floresta Ombrófila Mista, originalmente composta por imponentes árvores seculares, como o cedro, o angico, a imbuia, a canjarana, a canela preta e a grápia. A araucária, que fornecia o pinhão como principal constituinte da dieta das populações locais além de madeira para construções e a erva mate, importante produto econômico para o mercado catarinense da época, se destacam nesse aspecto da configuração do espaço. Estando em zona temperada, trata-se de uma das áreas mais frias do país, onde o relevo predominante de serras (Serra Geral) caracteriza uma região de sertão serrano que vai amenizando em direção ao litoral, caracterizando a outra configuração de relevo no estado de Santa Catarina. Complementarmente, essa região planáltica se encontra entre duas bacias hidrográficas importantes, a norte, a bacia do Iguaçu que tem como principais afluentes o rio Jangada, o rio Timbó, o rio Paciência e o rio Negro, todos alimentando o rio Paraná. Ao Sul, a bacia do rio Uruguai, sobretudo o Vale do rio do Peixe e o desemboque do rio das Antas, formam o palco principal do caso aqui estudado.

Sob essa configuração geográfica, estabeleceu-se uma ocupação do espaço em que inicialmente predominaram os indígenas (Kaingáng e Xocklén̄g),

seguidos dos caboclos que se miscigenaram em função das incursões a partir do sudeste brasileiro e pelas tropeadas a partir do século XVIII. Sucederam neste processo a chegada tanto de imigrantes estrangeiros (alemães, italianos e poloneses), quanto dos rio-grandenses evadidos daquele estado em função principalmente da Revolta Federalista (1893-1895), elemento fundamental para a compreensão da presença e atuação de Zeca Vaccariano na região do Contestado.

Na Revolta Federalista, ocorrida a partir do Rio Grande do Sul, é preciso destacar a presença do Coronel Manoel Fabrício Vieira, que lutou ao lado dos chimangos governistas provavelmente por sua ligação com José Gomes Pinheiro Machado que na época era senador da república pelo Rio Grande do Sul. Coronel honorário na revolta de 1893 foi nomeado coronel da Guarda Nacional em 1902 e alçado a delegado de polícia em Vacaria. Com o final da revolta e por motivos pessoais, o coronel deixou o Rio Grande do Sul se instalando na Fazenda Chapéu do Sol (região do atual município de Paula Freitas - PR, nas proximidades do Rio Iguaçu), de onde comercializava as já mencionadas araucárias e erva mate, além do notório envolvimento nas questões políticas do Estado das Missões, da Guerra do Contestado e da Revolta Federalista de 1923. E foi por intermédio de Fabrício Vieira – comandante na federalista e amigo – que Zeca Vaccariano também deixou o Rio Grande do Sul e se instalou no vale do Rio do Peixe numa parte da fazenda Rio das Pedras, de propriedade de uma família (Pontes) das relações de Fabrício Vieira na região do atual município de Videira - SC, a partir de onde se desenvolve o caso aqui estudado.

FIGURA 01. REGIÃO DO CONTESTADO DESTACANDO OS LOCAIS DE ATUAÇÃO DE ZECA VACCARIANO



Fonte: Matielo (2023, p. 107).

Essa relação entre o coronel e o subordinado pode ser compreendida no Âmbitos das relações de políticas próprias do período do final do império e início da república brasileira. Sob o espectro das relações de mandonismo, Zeca Vaccariano se inscreve como gente de Fabrício Vieira, a partir do que é possível compreender as relações de poder que permeiam a trajetória de ambos, sobretudo do protagonista deste estudo, mas também da dinâmica social daquele período histórico, naquela parte do Brasil. É sob essa perspectiva que, teoricamente, o banditismo social sobretudo na perspectiva de Anton Blok (1972), fundamenta a discussão que tem como pano de fundo aspectos

concomitantes como o mandonismo e a modernização do período da transição entre o império e a república.

A trajetória de Zeca Vaccariano sob a perspectiva do banditismo social é apresentada neste trabalho sintetizando de um trabalho de dissertação de mestrado recentemente defendido e recomendado para publicação. Metodologicamente, o texto se apoia em revisão de literatura e documentos oficiais acessados mediante pesquisas nos arquivos do Museu do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, na Cúria Diocesana de Vacaria - RS e na Casa da Cultura de Campos Novos - SC, de onde se destaca o processo-crime nº 1521 de 1918, instaurado para apurar o assalto ao trem pagador. A pesquisa bibliográfica e documental foi complementada com a análise de periódicos da época, além de entrevistas com estudiosos e populares de maneira a buscar preencher lacunas e considerar perspectivas diferentes sobre os fatos estudados.

O texto está estruturado em três partes: além dessa breve introdução, a primeira sessão aborda o período em que o protagonista combateu na Revolta Federalista ao lado dos chimangos até seu estabelecimento na região do Contestado catarinense; a segunda sessão aborda o fato do assalto ao trem pagador, evento que alçou Zeca Vaccariano ao banditismo social; a terceira sessão discute tanto o julgamento e absolvição do acusado quanto a sua surpreendente promoção a delegado de polícia no interior de Santa Catarina. Nas considerações finais é apresentado um apanhado das três sessões de maneira a demonstrar o banditismo social enquanto dimensão inerente da sociedade em questão.

1. UM EX-COMBATENTE NAS REDES DO PODER

Natural de uma região localizada entre Passo Fundo - RS e Vacaria - RS, José Antônio de Oliveira nasceu em 13 de janeiro de 1865, filho do de Cypriano Antônio de Oliveira e de Antônia Maria de Oliveira. Zeca Vaccariano, apelido que recebeu em função da sua origem de Vacaria, seguira os passos de seu então comandante revolucionário, o Capitão Manoel Fabrício Vieira, após ter sido soldado do Exército de Linha das tropas pica-paus (chimangos). Nos anos finais

do Século XIX, Zeca Vaccariano e um grupo de ex-combatentes apossam-se de uma quantia de terra da Fazenda Rio das Pedras, o que seria uma antiga sesmaria pertencente à família Pontes, que até onde se sabe, apresentava laços de parentesco e amizade com a família Vieira. Naquele local, ergueu morada temporária e, em seguida, abriu um armazém com o objetivo de atender aos trabalhadores da construção da Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande (EFSPRG) bem como servir de ponto de parada de tropeiros vindos da região dos Campos de Palmas e Guarapuava-PR. Ao que tudo indica a ocupação teria sido de maneira pacífica e consentida, já que não há registros de animosidades ou exasperações sobre o ato (Thomé, 2009).

Com a construção da ferrovia São Paulo–Rio Grande (EFSPRG) Vaccariano passou a liderar um dos grupos de empreiteiros, os chamados tarefeiros os quais contratavam trechos de roçada às margens do rio do Peixe, local que mais tarde receberia os trilhos da Estrada de Ferro. Zeca Vaccariano pactuou um trecho de abertura de picadas entre a região de Taquaral Liso (atual interior do município de Calmon-SC) e as imediações do que seria mais tarde a vila de Herval, no interior de Campos Novos (atual cidade de Herval d'Oeste - SC). Entretanto, no acerto de contas, o engenheiro Ernesto Kaiser, teria se desentendido com Vaccariano quanto aos valores a receber. Os recorrentes os atrasos nos pagamentos dos operários e casos de corrupção geravam revolta na região, nesse contexto, Vaccariano adentraria ao banditismo social.

O vocábulo “bandido” origina-se no latim (*bannitus*); o que no conceito italiano, *bandito* refere-se ao homem banido, o que independendo a razão, é posto como um fora da lei. A perspectiva comparativa como metodologia de análise para o banditismo constitui-se de um importante instrumento na detecção de importantes variáveis as quais tendem a aparecer, como é a questão do nível de controle estatal diante do monopólio da violência, o sistema de distribuição e legitimação da propriedade, o nível de desenvolvimento da sociedade civil, a natureza dos processos políticos, as formas de acumulação do capital, a relação entre as elites e o Estado e a condição de insegurança e miséria nas sociedades em que os casos são objeto de estudo (Saint Cassia, 2001).

Considerando o recorte espeço-temporal deste trabalho, política e violência se articulam com base no que Vitor Nunes Leal (1975, p. 20) explica

sobre o coronelismo como uma "forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa". A partir dessa coexistência, tais vínculos geram "um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras" (Leal, 1975, p. 20).

Sob este pano de fundo, o banditismo social é abordado partindo dos estudos pioneiros de Eric Hobsbawm, mas não sem alguma relativização, sobretudo mediante os escritos de Anton Blok, de maneira a enquadrar o caso em questão sob essa perspectiva teórica. No capítulo em que procura responder "o que é banditismo social", Hobsbawm assinala que o fator principal na análise é entendê-los como "proscritos rurais que o senhor e o Estado encaram como criminosos, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, que os considera heróis, campeões, vingadores, pessoas que lutam por justiça, talvez até mesmo vistos como líderes da libertação e, sempre, como homens a serem admirados, ajudados e sustentados" (Hobsbawn, 2015, p. 36).

Na medida em que se estudam casos no sul do Brasil, mais forte se apresenta a tendência de relativização deste modelo original proposto por Hobsbawm. A natureza ambígua do caráter do bandido, sob a perspectiva do Estado e da comunidade, talvez seja o ponto central de inflexão na conceituação. Neste sentido, é sobre a segunda parte da afirmativa de Hobsbawm, quando ele menciona a admiração e o apoio da comunidade, que se dirigem as críticas mais contundentes ao modelo de Hobsbawm (2015). A crítica imediata feita por Anton Blok ressalta que "o que parece errado com a percepção de bandido de Hobsbawm é que ele presta muita atenção aos camponeses e aos bandidos. Antes de olhar para eles, é necessário olhar para a sociedade maior em que as comunidades camponesas estão contidas" (Blok, 1972, p. 498).

Avançando nesta relativização conceitual, o conteúdo político do banditismo, é destacado inferindo que o surgimento do banditismo político remete à costa do mediterrâneo, mais especialmente à Itália do século XVIII, onde o "*brigantaggio político",* ou seja, o "banditismo político", representava a categoria de bandidos sociais operando aliada a discursos políticos regionalistas

e nacionalistas. Nessa linha, é fundamental compreender o banditismo considerando as redes de grupos e classes, uma vez que, para atuarem, bandidos conjugavam diferentes tipos de forças protecionistas que se alternavam entre apoio de parentes e camponeses até a proteção de políticos e autoridades constituídas. Dessa forma, a abordagem relativiza a categoria revolucionária do bandido, uma vez que ao se aliar com o *status quo*, transita politicamente entre uma ala conservadora contrastante com posições próximas a grupos contestadores mais afeitos ao universo revolucionário (Blok, 1972, p. 498-500).

Isto é o foco central da linha argumentativa a qual configura o perfil de Zeca Vaccariano na definição e categorização de sua identidade bandida, embora ao referir-se ao Sul do Brasil, Loiva Otero Félix (1996, p. 35) reitera uma sensível diferença entre o modelo geral do coronelismo que marcou a política brasileira e o conceito de caudilhismo na condição de uma especificidade Sul-Brasileira. Para a autora, o perfil carismático no exercício militar de liderança e a condição de transitoriedade no caudilho, se contrapõem à fase de função política e do estilo mais permanente da ação coronelista sinalizando a tênue diferenciação entre os referidos contextos.

Nessa condição, o "banditismo político" pode ser entendido como uma variável daquilo que se conceitua amplamente como "banditismo social", uma vez que não seja possível separar do mesmo os componentes da violência e o uso do bélico. Nos preceitos do literário, tal categoria se estabelece a partir da estruturação do "mandonismo" e "filhotismo", as quais são inerentes ao coronelismo dos séculos XIX e XX, que na região Meridional é acrescida pelo caudilhismo. Esse modelo, além de catalisar a natureza "semiprivada" das relações sociais, evidencia o caráter belicoso dos homens de guerra e fronteira sulina.

As definições de Vaccariano, nessa perspectiva, também obedeciam a uma lógica que a conduzia para a priorização em atuar para um dos lados e a conveniência o atraia para a concentração dos poderosos, atrelado aos coronéis e políticos locais, como amplamente versado ao longo deste trabalho. Distante dos falsos ares de justiceiro vingador, é possível afirmar que embora pudesse sentir as agruras inerentes aos processos de transformação social e econômica,

José Antônio de Oliveira havia superado a condição de ervateiro, profissão que segundo Gaertner (1974), assegurou-lhe ganhos econômicos em um primeiro momento no Contestado, para associar-se ao poder de coronéis.

2. O ASSALTO AO TREM PAGADOR

Era domingo, 24 de outubro de 1909, quando por volta das nove horas da manhã o aparelho de telégrafo que ficava no escritório central da construção da Companhia da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, localizado ao lado da Estação de Calmon, recebeu uma mensagem em regime de urgência do escritório que ficava na 2ª Residência da 7ª Divisão de Obras da Linha Sul. Por meio de código Morse, Pedro de Castro, chefe da residência baseada no quilômetro 150, comunicava ao engenheiro Achilles Stengel que instantes mais cedo um grupo armado realizara disparos com armas de fogo contra a comitiva pagadora da EFSPRS deixando dois mortos. Dois operários da ferrovia que passavam pelo local presenciaram ao tiroteio ocorrido no leito ferroviário. Surpreendido pelo informe inesperado, Achilles Stengel reagiu solicitando o detalhamento das informações uma vez que na comitiva encontrava-se Ernesto Kaiser, um amigo pessoal do engenheiro chefe, que atuava como desenhista, integrando a equipe de engenharia o qual havia estado pessoalmente com Stengel na noite a qual antecedeu os fatos quando do retorno da jornada de inspeções.

Para aumentar o suspense, o telégrafo emudeceu e Achilles ficou sem contato até o final do dia, momento em que sobreviventes chegaram na 2ª Residência e a linha telegráfica foi reestabelecida, garantindo nova comunicação. A informação dava conta de que um dos empreiteiros da EFSPRG, conhecido como José Antônio de Oliveira, codinome Zeca Vaccariano, na companhia de um numeroso grupo armado, havia atacado violentamente a comitiva que transportava valores para a 2ª Residência, destinado ao pagamento de tarefeiros, assaltando o emissário Henrique Baroni, tesoureiro da *Brazil Railway Company* e o engenheiro Ernesto Kaiser, tendo sido assassinados dois dos seguranças, Menério Bernardo e Guilherme Bernardo, os quais eram

irmãos. O grupo ainda teria ferido gravemente um terceiro segurança, Lino Ferreira, que mesmo machucado, conseguiu fugir.

A ocorrência aconteceu nas proximidades de um riacho que mais tarde recebeu o nome de Ribeirão da Cruz, no marco do quilômetro 152, que tempos depois foi designado como o quilômetro 208 da estrada férrea (Thomé, 2009). Na imprensa do Paraná, jornais do período detalharam o acontecimento a partir de relatos testemunhais que afirmaram que da 2ª Residência ao arranchamento de Vaccariano, o qual ficava no Km 152, o percurso era feito a cavalo, desviando do leito ferroviário, fazendo uma curva longa e em seguida atravessando uma ponte de 30 metros, construída sobre um riacho que antecedia a casa em que morava o tarefeiro.

Segundo relatado, o rancho era bastante espaçoso, tendo na esquina um balcão para negócios. Adiantando-se dos guardas da Companhia que conduziam o dinheiro em um cargueiro, Baroni e Kaiser seguiram caminho e quando passavam em frente a porta da casa de Vaccariano, foram surpreendidos pelo tarefeiro que saltou do balcão chamando o pagador. Baroni e Kaiser pararam, quando se observou as casas desertas. Vaccariano foi insistente, pedindo para que eles entrassem e, em seguida, perguntou a Baroni se ele portava dinheiro. Ouvindo a negativa do pagador, que se negou a entrar na casa e seguiu caminho atrás do cargueiro que a essa altura havia passado à diante, transportando o dinheiro. Vaccariano seguiu insistente, praticamente forçando que Kaiser descesse do cavalo, foi quando o mesmo desembarcou do animal e entrou. No instante seguinte, apareceram diversos indivíduos surgidos do interior da casa e dos fundos, os quais agarraram Kaiser pelos braços e pelo corpo, desarmando-o. Baroni, que seguia mais à frente pelo leito onde seriam assentados os trilhos, cerca de 50 metros da casa de Zeca, estava acompanhado por Menério e Guilherme, posicionados ao lado do cargueiro, enquanto Lino seguia adiantando-se (*Diário da tarde*, 29/10/1909; *Diário do Paraná*, 29/10/1909).

Ouvindo vozes que vinham por de trás dele, Baroni voltou-se compreendendo em seguida que corria perigo e logo após ouviu os primeiros disparos de armas de fogo. De imediato saltou do animal e rolou na rampa da estrada sacando da arma para revidar quando percebeu que estavam em

desvantagem, uma vez que o grupo de assaltantes era grande, logo, rolou pelo barranco do rio e permaneceu escondido. Os camaradas não resistiram a primeira descarga e caíram mortos. Mesmo ferido no ombro, Lino correu perseguido pelos bandidos que com novos disparos balearam-no na perna. Os assaltantes chamaram por Baroni e como ele não atendeu, fizeram Kaiser buscá-lo às margens do rio. Ao avistar Kaiser, Baroni voltou sendo levado para a casa de Vaccariano, que o perguntou cinicamente se estaria ferido. Ao responder que não, os assaltantes passaram a revistá-lo, tirando-lhe as chaves das malas. Baroni pediu para que Vaccariano não extraviasse os documentos, obtendo a resposta de que o interesse era apenas pelo dinheiro. Neste momento, alguns membros do grupo de assaltantes se aproximaram sugerindo que o melhor a fazer seria matá-lo. Vaccariano, no entanto, respondeu negativamente ao ato, uma vez que teria dado a palavra de honra à Kaiser, de que pouparia a vida do pagador. Em seguida, o chefe do grupo ordenou que a dupla responsável pelo pagador seguisse estrada à fora e que só retornassem ao final do dia, sendo escoltados pelo bando até certa altura. Kaiser e Baroni obedeceram às ordens e permaneceram no Km 157 até o fim da tarde, quando regressaram para a 2ª Residência (*Diário da Tarde*, 29/10/1909; *Diário do Paraná*, 29/10/1909).

Uma declaração dada à imprensa de Ponta Grossa por um trabalhador que acompanhou o caso, oferece versão diferente ao atentado criminoso. Segundo o relato, na véspera do atentado contra o trem pagador, na noite de sábado, Baroni e o grupo de pagadores da EFSRG, incluindo dois fiéis camaradas, decidiram pernoitar na casa de Ernesto Kaiser, engenheiro residente da 2ª Divisão. No dia seguinte, a comitiva tomou chá às sete horas da manhã e na companhia de um engenheiro e de Lino Ferreira, o qual era um dos camaradas, seguiram linha abaixo, na direção de Uruguay (nome da última estação ferroviária no estado catarinense), quando depois de mais de uma hora de viagem, foram surpreendidos por uma descarga feita da mata que atingiu Menério, derrubando-o fulminado, deixando Guilherme e Lino Ferreira, feridos. Novos disparos foram feitos em direção de Guilherme que também foi atacado à faca e assassinado. Mesmo ferido, Lino procurou salvação e tentou correr pela mata e mesmo sendo perseguido conseguiu escapar. Em seguida, Vaccariano

fecha o cerco e aprisiona Baroni e Kaiser arrancando deles as armas e tudo o que tinham.

O grupo de bandidos leva o cargueiro que transportava o dinheiro tocado a galope para um local conhecido como Gramados. Baroni e Kaiser foram adiante, no local onde existia um arranchamento de turmas e funcionava a venda e moradia de Zeca. Tão logo recebeu a notícia, o chefe de turma reuniu os trabalhadores e partiu em busca dos cadáveres. Revoltados, os trabalhadores atacaram as moradias, incendiando os ranchos onde moravam os envolvidos no atentado. Durante a noite, enquanto os corpos eram velados, seis dos integrantes do grupo se aproximaram do arranchamento, mas ao verem os ranchos queimados como sinal de represália, fugiram do local (*Diário da Tarde*, 27/10/1909).

A emboscada de Zeca Vaccariano e um numeroso grupo de homens garantiu a posse de um expressivo volume de dinheiro, considerado até a atualidade como um saque recorde, valor que no período representava 15% da arrecadação anual do tesouro estadual. No interior da atual cidade de Pinheiro Preto - SC, uma cruz erguida às margens da ferrovia faz homenagem aos seguranças Lino Ferreira, Menezes e Guilherme, mortos na emboscada. Com a fuga dos salteadores a partir do ocorrido, o líder Vaccariano passou a ser convencionado, historicamente, como um bandido lendário (Thomé, 2009).

3. **ABSOLVIÇÃO E ASCENSÃO DE VACCARIANO**

O tarefeiro Zeca Vaccariano assaltou o trem pagador da colonizadora expropriadora, mas a motivação por trás do crime assentou-se, principalmente, em apossar-se do dinheiro de que ele precisava. Muito provavelmente o caso assumiu tais dimensões por conta do montante do assalto. Para se ter uma noção aproximada do que o montante de 375:300$000 (trezentos e setenta e cinco contos e trezentos réis) representava para o período, basta comparar com o orçamento geral do estado de Santa Catarina para 1911, que segundo Machado (2008), era de 2.000:300$000 (dois mil contos de reis). Dessa maneira, podemos observar que a quantia levada se aproximava de 15% (quinze por cento) de toda a arrecadação catarinense. O valor era suficiente na primeira

década do século passado para comprar 3.750 (três mil setecentos e cinquenta) lotes urbanos em áreas nobres no centro de Curitiba, que na edição do Diário da Tarde da capital paranaense de 2 de janeiro de 1911, eram oferecidos ao preço de 100$000 (cem réis) (*Diário da Tarde*, 02/01/1911). Ao buscar um dimensionamento para a quantia, Thomé (2009) afirma que a quantia era de expressão para a época, valor suficiente para pagar o salário de pelo menos quatro mil trabalhadores braçais.

As investigações levaram a descoberta de que os valores do assalto foram divididos entre os criminosos ainda no dia do crime, no "Passo do Tigre", local para o qual o bando vacariano se dirigiu após o assalto. Ao longo da fase de inquérito, observa-se que nenhum instante os coronéis Manoel Fabricio Vieira, Henrique Rupp ou Maximino de Moraes, foram inquiridos a depor, mesmo diante de indícios substanciais da participação de ambos.

Designado ao júri, finalmente Vaccariano foi levado a julgamento. O réu concordou em partes com a acusação. Já a defesa de Zeca apresentou uma única testemunha, o fazendeiro Irineu Cheis, o qual reiterou a linha argumentativa comumente evocada de que os operários de Vaccariano executaram o assalto a fim de receber o pagamento, e de que nenhuma disposição do contrário por parte de Zeca impediria a ação de seus camaradas (Moraes, 2020, p. 173; *Translado Apelação crime João Mariano*, 1918; Brasil, 1918, p. 25). A absolvição de Zeca Vaccariano por unanimidade em todo os quesitos, expõe segundo Moraes (2020), a designação ao Tribunal do Júri como fator decisivo para a absolvição. O autor argumenta que o júri era o setor do judiciário mais afeito a influências da política local. As manobras jurídicas executadas pelos advogados iam muito além do uso do poder político e econômico, adentrando à esfera da articulação das listas de jurados, fortemente influenciada por coronéis que garantiam que os "sorteios" ocorressem na conivência dos interesses coronelísticos (Moraes, 2020, p. 173; Brasil, 1918, p. 25).

Antigo aliado de coronéis locais, Vaccariano participou ativamente da Revolta Federalista (1983-1987) e mesmo na condição de foragido da justiça pelo assalto ao trem pagador, integrou as colunas de homens de José Cleto da Silva posicionando-se como liderança de luta pela criação do Estado das

Missões, promovendo saques e instaurando o caos em diversos locais da região do Contestado (Moraes, 2020, p. 174; *O dia*, 17/08/1917).

Após o assalto, Vaccariano teria se juntado ao movimento que pretendia a criação do Estado das Missões. Tendo a primeira tentativa em 1910 e a dispersão do movimento separatista de 1917, Zeca Vaccariano, assume uma nova vida nas encostas do rio Uruguai, no Extremo Oeste Catarinense. Naquela região, Vaccariano inicia novas atividades econômicas com a criação de gado, extração de erva-mate e especialmente a retirada de madeiras, atuando com protagonismo na navegação balseira do rio Uruguai, o que lhe garantia prestígio social e novas possibilidades de rendas as quais somavam-se com ações de contrabando na fronteira com a Argentina (Thomé, 2009).

José Antônio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, temido pela valentia e especialmente, segundo Breves (1985), por ter assaltado o trem pagador, após ter se estabelecido nos Sertões do Oeste do estado, passou a desenvolver profundas relações com Fidêncio Mello, o qual se revelara correligionário político de Henrique Rupp Júnior, filho do coronel camponovense, Henrique Rupp, o qual também mantinha ligações com Vaccariano, segundo Oliveira Brito (2016), desde a chegada do ex-combatente ao estado de Santa Catarina.

É neste horizonte ao longo do emergente processo de colonização do Oeste catarinense e reconfiguração de poder governamental, que Zeca encontra as condições ideais para fixar-se na foz do rio das Antas, área estratégica onde mais tarde se originaria o povoado de Porto Feliz (atual município de Mondaí - SC) (Koelln,1980; Breves,1985; Thomé, 2009).

Por longo período, Zeca Vaccariano, tomado como nome de referência na atividade balseira no rio Uruguai, profundo conhecedor do curso das águas e suas quedas e cachoeiras, manteve ajuda mútua com os colonizadores de Faulhaber (Koelln,1980). Aproveitando-se do prestigio a ele auferido, seja pelos negócios bem sucedidos, pelo temor das ações e especialmente pela conduta permeada pelos mais amplos conceitos do coronelismo, como “mandonismo”, “clientelismo”, “patrimonialismo”, “parentela” e “compadrio, versados na segunda sessão do primeiro capítulo, José Antônio de Oliveira, o Zeca Vaccariano promove uma virada de chave na biografia (Thomé, 2009, p. 51; Leal, 1980, p. 12-13; Carvalho, 1985, p. 133-148). Como recompensa pela fidelidade aos

interesses políticos do coronel Fidêncio Mello e o grupo de apoiadores, é alçado ao cargo de subdelegado, que representava o posto de delegado de polícia na região de Mondaí, jurisdição de Passo Bormann, atual município de Chapecó - SC (Thomé, 2009; 2012). A nomeação expedida por Hercílio Luz, reforçou os propósitos daquilo que Vaccariano sabia fazer de melhor: exercer a força da lei, agora legalizada e combinada com as atividades econômicas. O distintivo de autoridade policial concorria para uma outra especialidade do personagem, que envolvia derrubada da mata e a retirada de madeiras. Com grandes áreas de floresta virgem, pertencentes ao estado e aos colonizadores, o delegado Zeca reinou absoluto (Koelln, 1980; Thomé, 2012).

A biografia de Zeca Vaccariano ganha novos contornos a partir de maio de 1922, momento em que comitiva do pastor e colonizador Hermann Faulhaber aporta na margem catarinense do rio Uruguai, fundando o povoado de Porto Feliz (atual município de Mondaí - SC). Por longos períodos, a relação entre Vaccariano e o bando até certo ponto, revelou-se recíproco com o grupo de colonizadores alemães da comunidade recém fundada. Mas com o passar dos anos, Zeca revelou-se uma ameaça para a vila, ao passo que avançava sobre terras dedicadas à colonização e com o uso do cargo de delegado, legitimava suas ações de derrubada e escoamento de madeiras nobres pelas balsas do rio Uruguai (Matielo, 2023). Diante do cenário estabelecido, o grupo de colonizadores percebeu que uma ação violenta, não produziria o resultado desejado e após diversas discussões, tomou uma decisão diplomática: ao invés do enfrentamento com Zeca, decidiram recompensá-lo em 100$000 (cem contos de réis), pelos serviços prestados e decorrente destituição (KOELLN, 1.980, p. 38).

Vaccariano ainda teria permanecido por certo período na comunidade, mas a partir da destituição do personagem, os relatos tornam-se menos frequentes. Contudo, da segunda metade da década de 1920 até os anos iniciais da década de 1930, José Antônio de Oliveira, o Zeca Vaccariano, recebe diversas citações jornalísticas, especialmente sobre a atuação do personagem em episódios isolados dos acontecimentos revolucionários do período (Matielo, 2023).

Os últimos dias da vida de Zeca Vaccariano, são cercados de mistérios e

especulações, contudo, a versão mais aceita para o fim da vida do personagem, é apresentada por Oliveira Brito (2016), que afirma que Vaccariano teria tido o capítulo final de sua saga biográfica marcada pela enfermidade. Sentindo o peso da idade recaindo sobre os ombros, o então ex-combatente da Revolta Federalista, destemido executor do Assalto ao Trem Pagador, balseiro do Uruguai e ex-delegado de polícia, já com 67 anos de idade passaria a sentir a debilidade do tempo (Oliveira Brito, 2016).

Após ter acompanhado as forças regimentais da Revolta de 1930, até a cidade de Santo Ângelo, no Noroeste do Rio Grande do Sul, revela Oliveira Brito (2016), que Zeca Vaccariano hospeda-se em um hotel local e antes de partir para o combate no interior paulista, acabou falecendo na presença de alguns poucos amigos. Um inimaginável término de vida para um ex-combatente que foi da demonização pública como assaltante à glorificação do posto de delegado, tendo o fim da linha marcado pela morte anônima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Zeca Vaccariano mostra um contexto complexo, no qual o período histórico, as questões geográficas, o cenário de transição política, transformação econômica e modernização e especialmente as forças políticas edificadas sobre os pilares do coronelismo, somam elementos decisivos os quais concorreram para a deflagração do assalto.

O assalto ao trem pagador reúne subsídios suficientes para estabelecer-se como um episódio na órbita dos acontecimentos que integram a Guerra do Contestado (1912-1916), cujos desdobramentos, seguem na paralela da contenda deflagrada no território em litígio, representando um destacado contributo na escalada para a violência do período.

Vivendo inicialmente como ervateiro, em seguida, Vaccariano se torna comerciante na então região de Rio das Pedras e em função das obras ferroviárias, firma-se como empreiteiro de uma audaciosa obra severamente caracterizada pela estruturação oligárquica mandonista, na qual ele vai assumindo um papel importante no quadro de relações de poder mediante o atendimento das demandas de grandes coronéis, tendo a maioria de suas ações

as quais ganharam notoriedade na imprensa da época, vinculadas à figura do coronel Manoel Fabrício Vieira. Não por acaso Zeca foi atrelado, quando do episódio do assalto, como sendo gente da família Vieira.

Julgado e inocentado, evidências nos autos da fase de inquérito e pós-processual, demonstram que Zeca tentou atenuar os efeitos do crime do pagador poupando a vida do tesoureiro Henrique Baroni e do engenheiro Ernesto Kaiser. Mesmo sendo aceito como o mandante do crime, possivelmente Zeca entrou e saiu de cena naquele domingo, possivelmente, sem ter disparado um tiro se quer.

Esse deslocamento conceitual, culmina com o cargo de delegado de polícia conferido a Zeca Vaccariano, que aufere ao personagem central deste trabalho uma condição simbólica, fazendo do ex-combatente, assaltante do trem pagador, uma espécie de celebridade mítica dos sertões. Notadamente, a indicação de Vaccariano ao cargo, deu-se em uma condição muito especial, proporcionada pela relação pentagonal, envolvendo o cel. Manoel Fabrício Vieira, a quem atendia prioritariamente e era sócio, o senador Gomes Pinheiro Machado, conselheiro pessoal, o qual enviou o próprio sobrinho, Salvador Carneiro Pinheiro, vulgo Dente de Ouro, para integrar o grupo de Vaccariano, o coronel Henrique Rupp, o qual supostamente teria fornecido as armas para a emboscada do pagador, e por último Fidêncio Mello, que servia aos interesses de colonização a família Rupp, e se tornou sócio de Vaccariano nas atividades extrativistas no Oeste Catarinense. Muito provavelmente, o posto de delegado de polícia foi confiado a Zeca como uma espécie de recompensa pelos seus feitos, inclusive o assalto ao trem pagador cuja divisão dos valores subtraídos continua uma incógnita perdida no espaço-tempo da história.

Do ponto de vista teórico, o caso de Zeca Vaccariano inclui elementos que podem contribuir para o aprofundamento da discussão acerca do banditismo social em sua complexidade, desviando de conceituações estanque tais como do bandido nobre que tira dos ricos para dar aos pobres. O que o caso evidencia é que o banditismo social pode ser tomado como inerente a uma dinâmica social, segundo a qual essa opção representa a possibilidade de ascensão social.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BLOK, A. **The peasant and the brigand**: Social Banditry reconsidered in: Comparative studies in Society and History. Cambridge: Cambridge University Press, v. 14, n. 4, September 1972.

BRASIL. Processo crime Zeca Vaccariano nº 1521, Campos Novos, 1918. Arquivo da Casa de Cultura de Campos Novos.

BREVES, Wenceslau de Souza. **O Chapecó que eu conheci.** In: Boletim do IHGSC, n.6, 1985.

CARVALHO, J. M. de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo:** Uma Discussão Conceitual. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 229-250, 1997.

Diário do Paraná, de Ponta Grossa, 01 de novembro de 1909; 29 de outubro de 1909.

Diário da Tarde, de Curitiba, 16 de março de 1908 a 31 de dezembro de 1908; 02 de janeiro de 1909 a 31 de dezembro de 1909; 01 de janeiro de 1910 a 31 de dezembro de 1910; 02 de janeiro de 1911.

ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado: Os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1.908 -1915).** Porto Alegre. Tese (Doutorado em História). – Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

FERRERAS, Norberto O.. **Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina**. História, São Paulo, 22 (2) 211-226, 2003.

GONZÁLEZ, P. J. J.. **Introducción al Bandolerismo**. Revista Innovación y experiencias educativas, Madrid, n. 15, p. 1-10, 2009.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos.** 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

KOELLN, Arno. **Porto Feliz**. A História de uma Colonização às Margens do Rio Uruguai. Mondaí - SC, 1980.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo enxada e voto:** o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1980. (2ª ed. Alfa-Omega, 1975).

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: A formação e Atuação das Chefias Caboclas (1912 – 1916). 1ª Ed. Campinas – SP: Editora Unicamp, 2004.

MATIELO, Ernoi Luiz. **A Saga Indômita de Zeca Vaccariano: Muito Além do Assalto ao Trem Pagador.** Chapecó. Dissertação (Mestrado em História). – Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal da Fronteira Sul, 2023.

MEIRINHO, J.. 1893-1894: **história e historiografia da revolução em Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Insular, 2009.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

NASCIMENTO, José Antônio Moraes do. **A terra em disputa: câmara municipal versus juízes comissários.** História Unisinos, v. 19, n. 2, p. 229-241, maio/ago. 2015.

O Dia, de Florianópolis, 18 de fevereiro de 1917.

OLIVEIRA BRITO, Eloy de. **Um pouco da Minha Vida 1888-1988**. 1ª ed. Soledade, RS: Editora Sagrada Família, 2016.

PEIXOTO, Dermeval. **A Campanha do Contestado**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 3 v. (Coleção Farol do Saber).

PEREIRA, Clarissa Josgrilberg (Org.). **Jornalismo Comparado**: Um Dia na Imprensa Brasileira. 1ª ed. Edifurb, 2016.

PESAVENTO**,** Sandra Jatahy**. A Revolução Federalista.** São Paulo – SP: Editora Brasiliense S.A., 1983.

PRIORI, A. et al. **A Revolução Federalista e o cerco da Lapa**. In: PRIORI, A. et al. História do Paraná: séculos XIX e XX. Maringá, PR: Eduem, 2012. p. 23-33.

SAINT CASSIA, P.. Banditry. In: STEARNS, P. N. et al. **Encyclopedia of European social history from 1350 to 2000**. v. III. New York: Charles Scribner's Sons, 2001. p. 373-382.

SÊGA, R. A.. **Tempos Belicosos: a Revolução Federalista no Paraná**. 2ª ed. Curitiba, PR: Instituto Memória, 2008.

SILVA, Cleto da. **ACCORDO Paraná – Santa Catarina ou O Contestado diante das carabinas.** Papelaria Globo – Rua 1° de Março, 15, CORITIBA, 1920.

SILVA, Cleto da. **Apontamentos históricos de União da Vitória, 1769-1933**. União da Vitória: Ed. do Autor, 1933.

THOMÉ, Nilson. **Nilson Thomé: entrevista** [ago. 2012]. Entrevistador: Ernoy Mattiello. Lages,SC: Primeiro Assalto ao Trem Pagador, 2012. 1 sonora. Entrevista concedida ao Primeiro Assalto Ao Trem Pagador - Extras.

THOMÉ, Nilson. **O Assalto ao Trem Pagador**: quando Pinheiro Preto entrou para a História do Brasil. Pinheiro Preto, SC: Edição do autor, 2009.